

## Eucaristia: mesa e memorial

Este segundo número de 2020 de Fronteiras - Revista de Teologia da UNICAP abre espaço para a reflexão sobre as diversas formas de reunião eclesial, de celebração eucarística e de comunhão, tendo como centro a comensalidade e a partilha. O tema surgiu do interesse de estarmos em sintonia com a Igreja do Brasil, por ocasião do XVIII Congresso Eucarístico Nacional (XVIII CEN), que seria realizado de 12 a 15 de novembro de 2020, e que foi adiado, por conta da pandemia do novo corona vírus, para 12 a 15 de novembro de 2022, em Recife.

Nessa perspectiva, a seção “Dossiê Temático” apresenta artigos de pesquisadores no campo epistemológico da Teologia, História e Antropologia, de diferentes Instituições do Brasil e do exterior. Permeia, nas entrelinhas a percepção da importância histórica e eclesiológica da celebração religiosa em torno da mesa, bem como algumas preocupações com os caminhos que estão sendo trilhados, em tempos de distanciamento social, no que se refere à celebração eucarística.

No artigo “Eucaristia: mesa e memorial - A mesa do povo de Deus”, o autor, Washington da Silva Paranhos, escreve sobre o tema proposto interpelado pelo grave problema social da má distribuição de alimentos entre as camadas sociais empobrecidas, e pelo grande desafio da Igreja em ressignificar o real sentido da mesa eucarística, nesse contexto de carência da maioria do povo de Deus. Em meio a esses desafios, é situada a preparação para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional, que tem como tema “Pão em Todas as Mesas” e o lema “Repartiam o Pão com alegria e não havia necessitados entre eles”. O propósito do evento religioso, de acordo com Dom Fernando Saburido, Bispo da Arquidiocese onde será realizado o Congresso, é “promover a comunhão das Igrejas em torno da Eucaristia, no desejo de que esse evento, que reúne o Brasil em terras do Nordeste, nos leve a entender que o ‘Pão da Vida’ move a Igreja a sair de si, das zonas de conforto, para alcançar as periferias existenciais bem lembradas pelo Papa Francisco”. Nesse

quadro social e eclesial, o artigo consta de duas partes: na primeira, é aberto um espaço para o sentido da mesa no contexto da Sagrada Escritura e, num segundo momento, é proposta uma reflexão sobre o dado da eucaristia como memorial.

Claudio de Oliveira Ribeiro, no artigo “Hospitalidade eucarística: uma visão ecumênica da Santa Ceia”, apresenta resultados de pesquisa sobre o tema proposto a partir do documento ecumênico “Batismo, Eucaristia e Ministério”, do Conselho Mundial de Igrejas, acolhido no Brasil pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, do qual a Igreja Católica Romana é membro, ao lado de Igrejas evangélicas e ortodoxas. A análise realça a Santa Ceia como espaço de comunhão dos fiéis que abarca do ponto de vista teológico e pastoral todos os espaços da vida e é fonte de questionamento a todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de ausência de liberdade, uma vez que, por intermédio da eucaristia, a graça de Deus penetra e restaura a vida humana em sua dignidade. O texto apresenta ainda um conjunto de indicações teológico-pastorais feitas por círculos ecumênicos que consideram que, pelo menos para os grupos que possuem certa experiência de cooperação ecumênica, é uma contradição ainda haver entraves para a comunhão eucarística conjunta.

Márcio Luiz Fernandes e Felipe Sérgio Koller apresentam o artigo intitulado “Teologias da eucaristia na linguagem das artes visuais: Mino Cerezo Barredo e Marko Ivan Rupnik”. Neste trabalho faz-se uma aproximação às teologias eucarísticas expressas nas obras artísticas de Mino Cerezo Barredo e Marko Ivan Rupnik, no quadro da possibilidade que a arte porta de ser ela mesma teologia. A eucaristia se configura como tema particularmente adequado para a leitura das obras, já que arte e eucaristia, no contexto teológico, são dimensões da manifestação do invisível no visível. A metodologia segue a proposta de análise das artes visuais de Gillian Rose, adequando-a ao campo da arte sacra e fazendo-a ser precedida por uma apresentação biográfico-contextual dos artistas. Analisam-se a pintura mural do Seminário Claretiano de Magdalena del Mar, de Cerezo, e o mosaico da Capela Redemptoris Mater, de Rupnik. Notam-se três temas convergentes na

teologia eucarística visual de Cerezo e Rupnik: 1) a ligação inseparável entre o lava-pés e a eucaristia; 2) a ênfase na ternura quenótica de Jesus, manifestação de Deus que se revela como amor; e 3) a centralidade temática da restauração das relações fraternas a partir da eucaristia. Como ênfases particulares de um e de outro, nota-se uma complementaridade, com Cerezo privilegiando a dimensão histórico-escatológica da eucaristia, enquanto Rupnik põe o acento na dimensão cósmica”.

Pedro Trigo, no texto intitulado “Eucaristía y Pobres”, parte da premissa de que na Ceia do Senhor os privilegiados são os pobres, porque é o sacramento do banquete do Reino, para chegar ao seguinte questionamento: atualmente os pobres só podem participar da Ceia do Senhor se houver um padre, alguém que não é pobre, porque todos os sacerdotes não são pobres, mesmo aqueles que vivem com os pobres, em solidariedade com eles, e os de origem popular. Só os padres podem consagrar validamente. Como surgiu essa contradição? O que fazer para romper com ela? Para enfrentar essas questões, o autor sugere a urgente necessidade de romper com a tríade templos-sacerdotes-sacrifícios, ausente na proposta de Jesus, mas que foi inculturada ou aculturada pela Igreja.

No artigo “Sobre a “comunhão espiritual”: Reflexões a partir da experiência de confinamento”, os autores Francisco Taborda e Danilo César dos Santos Lima nos remetem a uma interessante reflexão sobre a vida litúrgica da Igreja em tempos de afastamento social por conta da pandemia. O objetivo não é discutir sobre a importância do confinamento e da proibição das celebrações nas igrejas, por motivo de aglomeração e consequente contágio. Elas são necessárias. O objetivo é deste artigo é refletir sobre “comunhão espiritual”, agora assumida como “solução” pastoral para o momento de crise mediante viralização de lives de celebrações eucarísticas. Por “comunhão espiritual” ou “comunhão de desejo” ou ainda “comunhão virtual”, entende-se aquela comunhão que se realiza, segundo reza sua doutrina, num contexto de impossibilidade da comunhão sacramental e forte desejo. Vez por outra a expressão aparece a esmo nos discursos religiosos e transmissões, sem muita consciência do seu significado. Por isso, seria

importante perguntar o que essa expressão quer dizer, como ela surge na história da Igreja e como compreendê-la no momento da pandemia, quando estamos impossibilitados de nos reunir para a ceia do Senhor.

Por sua vez, Marco Antonio Moraes Lima, no artigo “A Comunhão Espiritual na história e o risco de seu retorno no contexto de isolamento social”, constrói sua reflexão a partir da constatação de que o isolamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus e recomendado pela Organização Mundial de saúde, levou as Igrejas a fecharem seus templos. Para não deixar seus fiéis sem a oração principal, a celebração eucarística, a Igreja Católica transmite a missa pelos diversos meios de comunicação disponíveis. A partir desse fato, o autor alerta para o risco de um retorno da chamada “comunhão espiritual”, surgida na Idade Média e que ainda tem resquícios nos nossos dias. O objetivo deste trabalho é indagar se não haveria outras formas dos fiéis, confinados em suas casas, levar uma vida de oração, exercendo, assim, o sacerdócio comum. Isso nos levará a refletir sobre o lugar da Palavra de Deus tanto na liturgia, especialmente na eucarística, como na vida dos fiéis e de toda a Igreja.

Zuleica D Pereira Campos, em seu artigo “Comida e comunhão nas religiões indo-afro-brasileiras: um olhar antropológico”, amplia a reflexão sobre a dimensão religiosa em torno da mesa para o horizonte da cultura afro-brasileira. As festas públicas dos “terreiros”, denominadas de “toques”, são dedicadas a um Orixá específico, porém, se “toca” e canta para todos os orixás cultuados no “terreiro”. Ao final dos “toques” ocorre o chamado *ajeum*, palavra que significa “comida”, mas no contexto do final do “toque” poderíamos defini-la como a grande comunhão. São organizadas mesas com comidas pertencentes tanto ao cardápio dos orixás, como comidas profanas em grande fartura. A depender do que foi conseguido arrecadar para a festa. Existe uma etiqueta a ser obedecida ao servir os alimentos. As visitas mais importantes e de fora do “terreiro” são as primeiras a serem servidas, os devotos do terreiro vêm em seguida, respeitando o seu lugar na hierarquia. Depois dessa primeira mesa de alimentos é formada outra, com os membros da alta hierarquia. Partindo dessa concepção, o objetivo do artigo é

demonstrar que a comida ou refeição é um dos atos mais importantes de comunhão, nessas religiões. Não só os humanos, mas também os deuses se alimentam e comungam em torno da mesa comum.

Johan Konings, em seu artigo “A Palavra que é pão: a Eucaristia no Quarto Evangelho”, investiga as conotações eucarísticas de algumas passagens marcantes do Quarto Evangelho. Para tanto, utiliza o termo “Eucaristia” como prática sacramental de celebrar, numa refeição, o memorial da morte e ressurreição de Jesus. Porém, visto que *eucharistia/eucharistein* significa ação de graças em geral, sinônimo de *eulogia/eulogein*, lançamos também mão do termo mais definido, “a Ceia do Senhor”, usado por Paulo em 1Cor 11,20. Os resultados apontam que a narrativa joanina contém muitos elementos que ajudam a aprofundar o sentido da “Ceia do Senhor”, embora o texto não descreva a Última Ceia como instituição da Eucaristia. Isso é possível porque, no conjunto do quarto Evangelho, há algo como uma “sacramentologia submersa” no tocante à Eucaristia. Quando João escreve, a Eucaristia já é uma prática assumida pelas igrejas das diversas tradições protocristãs e páleocristãs.

Na seção “Tema Livre”, temos contribuições que nos situam na realidade dos nossos dias, tempos líquidos, tempos de pandemia: A. Ernesto Palafox, em seu artigo, “Los tiempos líquidos y sus impactos en la pastoral”, afirma que existem conceitos que podem ser considerados “conceitos de sintomas”, aqueles que expressam o que se passa na realidade, por meio de metáforas bem adequadas. Um desses conceitos é o de “modernidade líquida”, de Zygmunt Bauman, usado como uma ferramenta para interpretar reflexivamente o que acontece na sociedade ocidental de diferentes ângulos. A partir desse conceito, o autor aponta os principais elementos da modernidade líquida que se relacionam com a pastoral, destacando o seu impacto sobre ela, bem como diferentes posicionamentos que se assumem perante essa realidade fluida.

No artigo “Um movimento para dentro do mundo: pistas comblinianas para compreensão da missão cristã a partir da leitura de A Teologia da Missão”, Gladson Pereira da Cunha apresenta o pensamento missiológico de

José Comblin a partir da leitura de “A Teologia da Missão”, lançando mão de outras obras do autor, a fim de perceber o entendimento combliniano da missão, embora não de maneira exaustiva. O trabalho indica que, para se compreender o pensamento do autor sobre o tema em questão, é necessária a assimilação de quatro características da missão, isto é, que ela é: agente, promotora de salvação, serva e testemunha do Evangelho de Jesus. Essas quatro características são apresentadas como foco desta análise.

João Décio Passos, ao tratar do tema “Avanços e retrocessos da Teologia na América Latina: conjunturas históricas e critérios”, desenvolve a reflexão em dois momentos fundamentais: no primeiro, examina as questões implicadas na afirmação dos avanços e retrocessos da Teologia no Continente, buscando o significado histórico e epistemológico do processo de mudança, assim como de um critério que permita qualificar a mudança como avanço e retrocesso histórico; no segundo, indica algumas direções dos avanços e retrocessos a partir do epicentro - critério - do Concílio Vaticano II. O último item da reflexão indica duas variáveis atuantes na Igreja atual: o Papa Francisco com suas posturas reformadoras e as redes sociais que maximizam as possibilidades de vivência religiosa isolada em casulos independentes da comunhão eclesial.

O artigo de Marcus Aurélio Alves Mareano, “Para uma abordagem dos hinos do apocalipse: uma discussão metodológica” tem como objetivo apresentar as possibilidades de leitura retórica, segundo o método de análise retórica proposto por Roland Meynet, para a análise do livro Apocalipse. São expostas outras abordagens recentes dos hinos do Apocalipse e as metodologias escolhidas pelos pesquisadores do tema, em contraste com a retórica bíblica. Por fim, são apontadas dificuldades de aplicar o método de Meynet aos hinos do Apocalipse, demonstrando qual seria uma opção metodológica possível.

Luiz Alencar Libório e Maria Betânia Melo de Araújo nos apresentam o belo texto “Aproximação entre o pensamento de Tillich e a perspectiva de Freud no contexto da religião e cultura”. Segundo Libório e Betânia, a intrínseca relação entre religião e cultura está presente na obra do teólogo

alemão Paul Tillich e o conhecido pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Neste artigo, procura-se analisar a forma como estes pensadores tratam a questão, apontando também pontos de convergência entre eles que podem contribuir para uma leitura mais ampla do tema. Para tanto, em primeiro lugar é apresentado o pensamento de Tillich sobre religião e cultura. Num segundo momento é feita uma exposição das principais ideias de Freud sobre a relação entre estes dois temas, e, por último, são apontados aspectos práticos a ser considerados por uma sociedade mais tolerante e mais justa.

A última seção deste número de FRONTEIRAS traz os resumos das dissertações de Mestrado defendidas e aprovadas no PPG em Teologia da UNICAP, no período de 2020.

Que esse número de Fronteiras contribua para a pesquisa e aprofundamento teológico, sobretudo em torno desse tema tão importante para as diversas tradições religiosas: a celebração em torno da mesa comum, experiência de comunhão que congrega pessoas irmanadas pela fé em Deus.

João Luiz Correia Júnior  
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Pós-doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS). Doutor (1998) e Mestre (1995) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde é docente na Graduação e Pós-graduação em Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. E-mail: joao.correia@unicap.br.